

NANDO, ESTAMOS EM CASA

Já faz semanas que um momento da minha vida não para de voltar. Estávamos em 1993 e, para o lançamento de um sistema de barbear revolucionário para a época, o meu pai e eu voamos para Washington. Ele ficava me perguntando se eu estava feliz, e sorria. Eu não o via assim com frequência, e aquilo me intrigava — como se ele esperasse o momento certo para me dizer algo importante.

Numa tarde, depois do trabalho, caminhávamos por um píer à beira do rio. Ele agarrou o meu braço, me puxou para perto e disse: “Nando... estamos na América. Nando... estamos em casa.”

Ele estava feliz — os olhos cheios, quase emocionado, quase pronto para chorar. Mas eu era jovem demais para entender o que ele realmente queria dizer para além das palavras.

Hoje, não consigo esquecer. Já faz quase sete meses que essa lembrança continua voltando, girando na minha cabeça. Trinta e três anos se passaram, e ele já se foi há um. Mas o sinal dele é alto e claro: ele quer que eu entenda que preciso estar pronto para partir de novo — para voltar para casa. A casa que não me recebeu 61 anos atrás só por causa de um erro da cegonha da FedEx... mas isso é outra história.

Aqui na Itália, sinto que estou preso dentro de um engradado de frutas — confinado por algo que nunca me pertenceu.

Como vou chegar lá, não faço ideia. Os meus 70 USD por mês são o meu único recurso, e não corro atrás de ninguém por dinheiro. Só corro atrás de mulheres bonitas — se forem inteligentes. Não é vício, é paixão. Uma dívida de gratidão com aquela que nunca precisa de publicidade — a mulher que existe mesmo quando está sozinha.

E quando eu finalmente entrar numa sala qualquer por lá, estarei com três pimentas calabresas no bolso. Vou me apresentar dizendo:

“Este é o fogo — a única coisa que nos mantém vivos e nos impede de adoecer. Começa na boca e termina no cu. Só nunca deixe os adversários saberem.”

Nando

Ferdinando Frega — gillettenarrative.com